

Entrevista com Gilmar Arruda

Caroline Cassoli Gonçalves, Elenisia Maria de Oliveira e Vitor Wagner Neto de Oliveira¹

Gilmar Arruda é graduado em História pela Universidade Católica Dom Bosco (1984), com Mestrado (1989) e Doutorado (1997) em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em Assis-SP. Desenvolveu estágio de pós-doutorado na Universidade Federal do Paraná (2008/2009) no programa Interdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento, e em 2013 realizou estágio de pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra com a temática “História ambiental, turismo e reapropriações do rural: uma perspectiva comparada Brasil e Portugal”. Desde 1987 é professor da Universidade Estadual de Londrina, trabalhando na graduação e na pós-graduação.

Na entrevista a seguir o professor Gilmar fala de sua infância e juventude entre o interior de São Paulo e o Mato Grosso do Sul, da formação em História, da participação política em Campo Grande na década de 1980, e das pesquisas realizadas na pós-graduação que abordam a sociedade e o espaço sul-mato-grossense.

PET-História: Bem professor, a gente dividiu a nossa entrevista em duas partes: formação escolar e acadêmica, e após a produção acadêmica, certo? Para iniciar, nos conte um pouco sobre a sua origem familiar e onde nasceu, como era este lugar e sobre o seu modo de vida e o trabalho de seus pais afim de entendermos parte da sua história de vida.

Gilmar Arruda: *Bom, (...) eu sou do interior de São Paulo, nasci em Tupã, uma cidade pequena, na época, era da cafeicultura. Meus pais eram cafeicultores, pequenos, embora a família era descendente de uma família de fazendeiros de cafeicultura. Aí aconteceu de meu pai, que era um empregado do meu avô, casar com minha mãe, fugiram na realidade. Depois eles se tornaram pequenos cafeicultores, mudaram pra cidade. Minha mãe queria, segundo a memória familiar, que os filhos estudassem. Nós somos uma família de seis irmãos, eu e mais cinco, e*

¹ Equipe responsável pela entrevista: Grupo PET-História Conexões de Saberes, da UFMS/CPTL. Responsáveis por esta entrevista: Caroline Cassoli Gonçalves, Elenisia Maria de Oliveira e Vitor Wagner Neto de Oliveira. Realizada no dia 20 de junho de 2016, em Três Lagoas-MS, e transcrita com adaptações em agosto de 2017.

todos estudaram. Era o sonho da minha mãe ter filho médico, advogado, engenheiros. Ela conseguiu um médico e um agrônomo, mas outros não, tem várias outras profissões, e eu sai fora e acabei fazendo o curso de história. Nós ficamos em Tupã até o final dos anos 70 e, influenciados por essa questão da geada e da crise da cafeicultura e a transformação do campo, acabamos nos mudando pra Campo Grande no final dos anos 70, final de 79, início dos anos 80. E lá em Campo Grande eu comecei a fazer a faculdade. Do período em que eles deixaram a região rural, em 64 eles mudaram pra periferia de Tupã, se tornaram granjeiros. Abriram uma granja que funcionou até cerca de 74/75. Já na crise, aí meu pai teve uma crise econômica e minha mãe mudou-se pra cidade (...) ela se tornou, nos tornamos donos de uma lanchonete. É, a partir de 72, ainda nós continuávamos morando lá na periferia da cidade quando a gente abriu o comércio. Meu pai ficou internado um bom tempo, depois ele continuou trabalhando um pouco na granja. A granja foi diminuindo, desapareceu e, em 75, nós mudamos pra cidade. Entre 75 e 80 nós praticamente só tínhamos o comércio, era uma lanchonete. Mudamos pra Campo Grande. Em Campo Grande nós abrimos uma pastelaria. Na verdade uma lanchonete em frente ao antigo hospital ferroviária Noroeste, na rua Candido Rondon, bem ao lado dos trilhos. Hoje eu não sei mais o que é, acho que é um posto de saúde. Depois nós vendemos um terreno que tínhamos lá em Tupã, que era onde nós morávamos na periferia, e abrimos uma pastelaria na rodoviária, na antiga rodoviária, isso foi em 81/82.

E nessa época eu já estava fazendo o curso de história na FUCMAT, o pessoal chama de Dom Bosco. Na minha época era o colégio Dom Bosco, no qual funcionava a Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso. Fiz entre 81 e 84 e, aí eu fui contemporâneo entre outros, do Paulo Roberto Cimó Queiroz. Em 84 eu terminei, trabalhava, o curso era noturno. Em 85 eu entrei no mestrado em Assis. Foi uma coisa assim... quase que... eu tinha alguns conhecidos em Tupã, que estavam fazendo curso de história em Assis e eu fui no casamento dessa menina, Cláudia Sapag. Hoje ela é diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, ela encaminhou-se pra área de educação. Nesse casamento estava uma professora, uma recém professora, que tinha chegado em Assis, que era a Zélia Lopes da Silva. E aí conversando, por alguma razão ela disse do mestrado e eu resolvi ir fazer o mestrado. Também porque em 84, acho que foi em 84, a Federação das Indústrias do Mato Grosso do Sul fez um concurso sobre a história

da erva mate. Eu tinha um projeto, na verdade uma bolsa de iniciação científica, que eu tinha conseguido junto com a professora Maria Augusta, que era minha professora na faculdade. Na época o CNPq ainda era só pelo correio, por alguma razão eu descobri, e consegui essa bolsa e ela me deu um dinheiro pra ir até o arquivo público de Cuiabá, no Mato Grosso, fazer as pesquisas sobre a erva mate, da Companhia Mate Laranjeira, isso durante 83. Em 84, sai esse concurso da Federação que dava um dinheiro bom, e eu fiz a monografia. Fiz uma monografia e acabei ficando com o segundo lugar. Então esse material, eu peguei e entreguei como parte da seleção do mestrado. Essa é parte da trajetória da família, a família continuou em Campo Grande.

Aí em 85 eu fui pra Assis, fiz os créditos, voltei, comecei dar aula na FUCMAT, entrei em 86. Trabalhei um ano na FUCMAT, um ano e pouco. Em meados de 87 eu fui demitido. Até hoje não sei bem a razão, mas em parte, eu acho que era, eu dava aula em faculdade particular, dava aula de história do Brasil, e naquela época, no primeiro semestre de 86, eu dei aula de história antiga e medieval, antiga principalmente. Eu acho que eles não gostaram muito do meu enfoque, é questionando. Bom, eu não sei, isso também é um pouco de louvação minha. Ai em meados de 86, em junho, teve a ANPUH em Brasília, nós fomos, e eu avisei o coordenador do curso que eu ia ficar uma semana, justamente a primeira semana de aula da faculdade, na volta eu cheguei e nem assumi. O coordenador disse que era pra passar nos recursos humanos que eles tinham me demitido, porque eu tinha me ausentado do curso. Eu não fiquei um mês desempregado na realidade, que eu tinha feito o concurso público lá na UEL em maio de 86. O chefe de departamento me telefonou pra eu assumir. Eu fiz em história antiga, pra eu assumir uma história econômica, se eu estava afim eu falei claro, tô desempregado, e aí no final de agosto, 30 de agosto de 1987 eu cheguei em Londrina com uma mala de livros e uma de roupa e assinei um contrato com a UEL. E de lá pra cá eu, bom, terminei o mestrado dois anos depois, eu ainda não tinha terminado, terminei em 89, foi sobre a Companhia Mate Laranjeira. Bom, aí é a continuidade do trabalho acadêmico e outras coisas. A questão da família, ela vai pesar depois no doutorado. A temática do doutorado tem a ver com a ideia de memória, sentimento de pertencimento. Aí tem sim, aí eu usei a própria memória da minha família para o projeto, para a tese de doutorado.

PET: Você morou em Campo Grande na década de 1980. Naquele momento você estava atento ao que acontecia no país? Porque é uma parte da transição entre a ditadura e a democracia. O que você guarda na memória desse contexto histórico na sua vida?

Gilmar Arruda: *Nós tínhamos um movimento bastante político nesse momento. É, já em Tupã, 78, nós eramos secundaristas, eu estava terminando o secundário e nós nos envolvemos na formação do PT, a partir de um grupo que estava ligado, em parte ao MDB, em parte a Igreja Católica e em parte a um movimento que tinha na época, no final dos anos 70, o movimento cineclubista, que era um pouco da espécie de resistência, mas já no final da ditadura, que era projetar filmes, tinha os clubes, a gente projetava os filmes, discutia. Um dos filmes que nós projetamos, aí já também com a proteção da Igreja Católica, foi em 78 por aí, um filme produzido sobre a greve do ABC, “Maquinas Paradas, Braços Cruzados”, que era uma mostra da greve, da liderança do Lula, e fizemos a exibição no salão paroquial da Catedral da cidade. Pra você ver como que a Igreja Católica estava envolvida, não era o padre da periferia ligado a pastoral, era o padre que era da Igreja mesmo, da matriz, da Catedral, da matriz. E esse grupo estava ligado, uns já eram estudantes universitários, no Rio e em São Paulo, tinham vinculação já com os partidos de esquerda, PCB, e tinha um grupo que estava já articulando a criação do Partido dos Trabalhadores, e eu acabei me envolvendo nisso. Quando nós mudamos pra Campo Grande, foi logo no início de 80 né, esse trabalho explodiu né, o surgimento do PT, os núcleos de base, e eu e meu irmão começamos a participar, meu irmão menos, eu mais. Aí eu me envolvi nisso. Fiz parte da secretaria e viajamos pelo estado todo, fazendo convenções municipais, Corumbá, Andradina, Três lagoas... Três Lagoas não, eu fiquei mais em Corumbá, Jardim, Porto Murtinho, Dourados, (...) Itaporã, Ponta Porã, Nioaque, lugares que nós íamos. Eu ia como estudante mais pra assessorar a parte legal, fazer as atas, preencher as fichas, fazer os documentos todos, os livros, porque precisava do registro num certo número de estados, e um certo número de municípios. Bom, em 82 eu acabei sendo candidato a vereador pelo PT em Campo Grande. Eu tive a vantagem, a votação extraordinária de 146 votos. Era extraordinária de fato, porque pro PT a campanha era toda, bom, eu fiz campanha inclusive em dobradinha com quem depois foi governador do estado, o José Orcirio Miranda dos Santos, que na época era o Zeca do PT. Na época ele não*

se apresentava como Zeca do PT, surgiu depois, era Zeca Orcirio. Então, eu tive bastante envolvimento e tive envolvimento junto com uma juventude, ...a universidade estava dividida entre um grupo ainda ligado ao PCB, que era o pessoal da Unidade, do jornal Voz da Unidade, eles não queriam a divisão da frente das esquerdas, que tinha lutado pela anistia e tal, eles queriam permanecer no MDB com as tendências, mas não criar um partido próprio dos trabalhadores. Claro, a estratégia do PCB era de não dividir. Nesse grupo estava, atuava por exemplo o Paulo Cimó, que era ligado ao PCB, um outro rapaz que também era meu contemporâneo de história que está em Corumbá agora, ele é jornalista, chama-se Ahmad Schabib Hany, a gente conhecia ele por Schabib. Ele é descendente de libaneses, e os pais dele moravam em Corumbá. E esse também, ele argumentava muitas discussões sobre os problemas de criar ou não o partido, em 81/82. Então eu me envolvi e tinha, é, uma coisa que também eu acho que influenciou bastante, tinha um outro personagem, ligado ao PCB que tinha uma livraria, Livraria Guató, que ficava na Rui Barbosa. Ele era irmão do secretário geral do Partido Comunista no Mato Grosso do Sul, que era o José Onófrio Lima, que era um advogado importante. Mas era uma família que tinha posses, propriedades, no estado e tinha uma rede de relações, e o Manoel Lima, ele era agrônomo e era livreiro (...). E ali no sábado de manhã juntava toda a esquerda, e loucos também, os alternativos, era um ambiente intelectual muito legal. O Cimó, a livraria tinha duas funcionárias que eram ligadas ao Partido Comunista, na época do movimento estudantil, e ali, eu comprei pelo menos a primeira coleção da História Geral da Civilização Brasileira dirigida pelo Sérgio Buarque de Holanda. Comprei os nove volumes, faltava o décimo que eu fui comprar anos depois. Aí eu fiz a campanha, isso que em 81/82, depois pra pagar o custo dessa campanha eu vendi essa coleção pra uma amiga da escola, que ela trabalhava na caixa econômica, ela tinha dinheiro pra ajudar a pagar, porque o carro ficou quebrado, aquelas coisas, e passou anos, aí depois eu consegui comprar a coleção novamente em um sebo. E esse lugar era um lugar muito interessante porque ali frequentava os caras mais antigos, por exemplo o Gilberto Luis Alves, que era professor da federal e escreveu uns textos clássicos sobre a transição do Mercantilismo para a casa comercial em Corumbá. Por muitos anos serviu como referência para entender a história econômica no estado. É, bom, o Paulo com certeza, eu, bom, mas, é, os esquerdistas vamos dizer assim né. E tinha, lógico, os Petistas.

Então esse ambiente intelectual ali, e uma outra questão também que teve importância, acho que na nossa formação, na época da criação do estado, é, teve um cara na Fundação de Cultura que foi muito importante. Ele era muito ativo, muito ligado a intelectualidade, José Otávio Guizzo, era o nome dele, acho que inclusive o nome do prédio da fundação hoje tem o nome dele (...) gente como o Espindola, depois a Iara, que era professora da Antropologia, ou o Henrique Spengler que já faleceu, que começou aquele movimento Guaicurú, de identidade; artistas como o pessoal, o Almir Sater, o Paulinho Simões, vamos ver, tinha outros. Ah, o poxa, como que é o nome daquele pintor? Até tenho um quadro dele. Bom, não importa. Então a Fundação de Cultura, que ficava nessa na Av. Calógeras, e depois passou para a 13 de maio, depois pra ali onde era o antigo fórum, construiu também um ambiente de várias manifestações culturais despertando várias dissertações de pesquisa sobre o estado. Era, claro, uma pesquisa de identidade. O Valmir Batista Correa terminou o doutorado dele em 82, "Coronéis e Bandidos", que é uma tese, de certa maneira claro, datada e tal, mas ela tem uma preocupação em mostrar, "óh, viu óh, o Mato Grosso do Sul antes do Mato Grosso do Sul, então a reivindicação da separação tem raízes históricas e tal".

Isso desdobrou-se no interesse e acabei fazendo mestrado e aproveitei o material do levantamento lá de Cuiabá, que era um material, é um levantamento documental, não tinha outras pretensões do que isso realmente. Só que aí quando chega em 85, eu chego na universidade, na UNESP, é um momento de uma transição historiográfica. Estão sendo traduzidos os textos do Thompson, do Chartier; Chartier não, Chartier é um pouco depois, Peter Burke, as leituras sobre a questão da autonomia operária do Cornelius Castoriadis, a crítica ao mundo do trabalho, sobre a resistência, e isso deu um âmbito na produção da historiografia diferente. Então, o trabalho, por exemplo do Cimó que vem depois, vem como sempre muito meticuloso e tal. O meu trabalho tem uma linha que, na época, estudava o movimento operário, uma revisão já da história do movimento operário, não mais pensando o operariado enquanto só urbano, mas da classe trabalhadora em si, classe trabalhadora, subalterno, a ideia de subalterno, classe subalterna. E eu fui pra Assis e acabei sendo orientado pelo professor José Carlos Barreiro, que eu tinha conhecido num evento em Aquidauana. Não me recordo o que que era o evento, eu o conheci e depois ele acabou me orientando e me influenciou porque a tese de doutorado dele...- ele ainda estava terminando a tese -, ele terminou em 88, praticamente... Há

não, minto... Ele me orientou no doutorado, é quem me orientou no mestrado foi uma professora ligada a história política, Glacira Lazzary Leite. Só que a influência é do Barreiro, da Zélia, e outros jovens doutorandos que estavam trazendo esse material da UNICAMP. Então, por exemplo, o Thompson, “A formação da classe trabalhadora”, eu li numa versão xerox da edição em espanhol, que só foi traduzida muitos anos depois e isso é a percepção da ideia dos trabalhadores com autonomia, com cultura, com consciência de classe, a ideia da cultura como algo que você pode pesquisar pra ver aí a consciência de classe. Então, a dissertação, avaliando a dissertação hoje, ‘Os frutos da terra’, é um misto de história política, que é a parte que eu fiz na monografia do concurso da FIEMS, a ideia dos gaúchos ocupando espaço, o estado dentro do estado, a relação público privado, a companhia Mate Laranjeira como um estado dentro do estado, a relação público e privado, essa é uma parte da primeira parte, que foram cinco capítulos. A segunda parte aí já é influência com os trabalhadores, a cultura de classe, a resistência no trabalho, que é influência já do mestrado mesmo, da academia, etc.

Então, isso é a parte da formação que eu tive na FUCMAT. Muito ruim, ruim assim, era uma formação factual, formação quando muito, é. Não que não tivesse bons autores, bons professores, mas era muito factual. Então o que que nós líamos, é História Medieval: Henri Pirenne, História Contemporânea: era, o História da Civilização Ocidental, de uns autores que são um livro amarelo grande, a coisinha melhor no meu, melhor da formação, foi a questão política né, que aí vinha, acabamos acessando o Nelson Werneck Sodré, com as discussões e o Caio Prado Junior, que a professora Maria Augusta nos passou, e um livro que na época fez muito sucesso chamado “Brasil em Perspectiva”, foi organizado por um historiador da USP, Carlos Guilherme Motta. Ele tinha uma série de discussões, textos, uma coletânea, e trazia algumas perspectivas sobre a transição da escravidão para o trabalho assalariado, a questão dos ciclos econômicos, da Primeira República. Esse teve influência, mas era uma formação muito limitada, teoria da história não tinha. Discussão sobre o significado de fonte/documento isso eu fui aprendendo com alguns colegas lá em Assis, e aí tem nessa linha sobre teoria da história, a questão da verdade, a fonte, a crítica a fonte, foi muito mais um esforço quando saio da FUCMAT e chego na UNESP. A diferença entre a formação da UNESP e a formação da FUCMAT é gigantesca. Então, foi uma corrida. E o próprio texto hoje, quando a gente fala do trabalho a gente avalia, todo caso, depois de 25, 27... 89? 27

anos , mais velho do que vocês, a dissertação acho que dá pra ver bastante isso na própria confecção, os títulos dos capítulos e a redação e a bibliografia relacionada, a redação da dissertação. Esse é o mestrado.

PET- É, bem, já que você mencionou essa questão da sua formação da faculdade, na Fucmat: lá você já tinha essa perspectiva, desde a sua graduação, de que você queria fazer mestrado, queria se aprofundar mais? Ou foi surgindo depois essa perspectiva de carreira acadêmica?

Gilmar Arruda: *Essa é uma das coisas mais interessantes, que eu sempre penso porque que eu fiz história, e eu não tenho uma resposta pra isso. Nunca, por várias razões. Porque que eu cheguei no curso de história e porque que eu fui fazer o mestrado? Durante a graduação, tinha uma relação com a política, até hoje quando eu falo pros meus alunos, “ah, que eu fiz história porque eu ia fazer a revolução”, mas não é totalmente verdade do ponto de vista da interpretação da minha própria memória. Eu sei que não existe verdade na história, desse ponto de vista , mas não, nunca encontrei uma explicação satisfatória pra minha própria análise de memória, sobre porque que eu fiz história e depois porque que eu fui fazer o mestrado. É só uma série de coincidências pessoais, e momentâneas que me levaram a fazer o mestrado e depois me levaram a fazer o mestrado, a se tornar professor, porque num determinado momento eu deixei de ser professor, voltei pra Campo Grande abri um restaurante, depois voltei novamente e aí comecei o doutorado. Então sempre foi pra mim uma dificuldade em encontrar, vamos dizer, uma explicação satisfatória de porque que eu fiz história e porque que eu fiz, que eu faço pesquisa ou que eu escrevo. Escrever sim tem alguma razão, mas a pós graduação e o ensino não encontro uma explicação. Assim, quando, se comparar com a geração atual que tem alunos do primeiro ano que chegam pra mim e dizem “eu quero ser doutor em história e dar aula na universidade”, nunca passou pela minha cabeça. Não sei, talvez porque o momento, o momento que o país vivia nos anos 80, é, estava tão assim, a redemocratização, as perspectivas políticas de ação eram tão grandes, que acho que não passava pela minha cabeça a questão da profissão em si. Era a política, e os problemas de resolver, a questão do país, a questão democrática, e construir o partido, e chegar ao poder, eram muito mais importantes do que a profissão em si. Eu acho que tem uma decisão quando eu abandono Campo Grande*

e resolvo ir pra Assis. Depois na volta, eu volto e continuo engajado, em 90 e 92 a gente que era dono de restaurante, ainda tinha uma articulação política. Em 93 que eu acho que é a decisão mesmo de se separar as coisas, que é uma separação. Embora a gente possa encontrar, é, explicação pra que o que eu faço tem um fundo político e tudo mais, mas é uma separação entre a militância política e o mundo acadêmico. Então em 93, eu achei que em algum momento deu um estalo: olha, ou eu vou pra militância política, é e, assim como meus colegas ficaram, aí depois fizeram parte do governo Zeca do PT, nos dois mandatos. Meu ex sócio, inclusive trabalhava comigo, Silvio Nucci, ele foi gerente de contratos no governo do José Orcirio, o Amarildo que eu acho que é deputado estadual hoje, o sobrenome dele eu não sei, bom, um cara que é deputado, que eram amigos e, aí eu decidi: não, vou pra universidade, profissão é a que eu tenho e o restaurante não deu muito certo, quer dizer, deu certo mas não deu muito certo pra mim, então aí foi uma opção mesmo pela carreira, e eu tive consciência de que o mundo acadêmico, a produção acadêmica não estava efetivamente associada a militância política. E mesmo lá em Londrina, depois, eu me envolvi com algumas discussões dentro do partido, mas eu percebia que era sempre tensão, muito tensionado porque me viam, ou como estranho, ou dentro dos sindicatos ou mesmo dentro do partido, acho que aí por causa da trajetória do partido que vai se burocratizando, construindo militantes profissionalizados. Bom, acho que isso é outra questão. Bom, é isso aí.

PET: É bem, o professor já mencionou bastante sobre a sua dissertação né, que foi publicada em 97, correto?

Gilmar Arruda: *A publicação foi em 96 talvez. Saiu pela EDUEL.*

PET: É, “Frutos da terra: os trabalhadores da Mate Laranjeira”

Gilmar Arruda: *É, isso!*

PET: E você aborda elementos do cotidiano, da cultura dos trabalhadores e também discute o processo do trabalho na extração da erva mate. Você menciona que teve esse contato com os documentos: como que surgiu esse interesse? Ou foi mais uma questão do, estava ali, estava próximo...

Gilmar Arruda: *Pela temática?*

PET: É, o interesse pela temática, a curiosidade inicial por trabalhar com a Mate Laranjeira.

Gilmar Arruda: *Olha, eu tenho a vaga lembrança que foi a professora Maria Augusta que me sugeriu algo do tipo, ou... não, foi o cara da Fundação de Cultura, o Guirro, ele, não sei por que que a gente frequentava lá, e ele tinha mencionado alguma coisa que a companhia Mate Laranjeira tinha sido muito importante na formação do estado e não havia pesquisa sobre. E, e acho que teve também um pouco da Maria Augusta, a professora. Eu me lembro que a biblioteca da FUCMAT era muito grande. Apesar do curso ser bastante limitado, a biblioteca era muito boa. Tinha por exemplo, a coleção da revista de antropologia da USP, completa, e tinha clássicos, e aí eu comecei a pesquisar sobre, inicialmente sobre o Mato Grosso do Sul e, depois, surgiu a temática da Mate Laranjeira, com a bolsa de iniciação científica. O conjunto documental que eu levantei em Cuiabá que me deu a base, uma parte da base da monografia do concurso da FIEMS. Agora, a parte da, do restante da dissertação só veio mesmo com a influência da pós-graduação, aí entra a história oral. Aí eu vou ler os livros do Hélio Cerejo, que foi o que ganhou o primeiro lugar no concurso, e aí eu vou, eu viajo pela região entrevistando, entrevistei várias pessoas que tinham tido ligação com a Campanário, com a sede da companhia, e/ou estavam na região, pra tentar entender o processo de produção e etc. Foi em 85 por aí que eu viajei para aquela região, e gravei vários depoimentos. Aí tem uma história irônica, porque depois que eu fiz o depoimento e transcrevi o documento, e as fitas né, eu fiz o depósito no arquivo público do Mato Grosso do Sul e, um dia, assaltaram o arquivo e levaram as fitas, porque acharam que tinha alguma coisa gravada, ou levaram apenas porque era uma fita cassete, levaram as fitas todas que eu tinha gravado. Depois, eu só fiquei sabendo desse fato, porque a Cátia, que era diretora, lá me contou e eu, mas eu acho que ainda tem algumas transcrições que nós fizemos desses personagens que aparecem nesses depoimentos, aparecem no meu texto, mas o áudio ele então se perdeu. É, parece um livro do Umberto Eco, as fontes vão desaparecendo. Algumas coisas também recebemos, teve um colega, um colega norte-americano que estava aqui no estado fazendo pesquisa sobre a pecuária no pantanal, Robert Willcox e, por alguma razão, eu entrei em contato com ele e ele entrou em contato comigo e ficamos*

amigos, e ele me falou de um livro, que era de um anarquista paraguaio, Rafael Barret, que tem lá toda uma análise sobre a questão da cultura do mate no Paraguai. Um anarquista, pelos anos 20, e eu fiquei encantado com a ideia e tinha até escrito, cheguei a escrever pra Universidade de Austin, Texas, que tem uma biblioteca sobre a América Latina fantástica, e eles me mandaram a cópia do artigo e que eu usei na dissertação. Aí depois o Robert disse que esse livro foi reeditado na Venezuela, “(...) ele tem uma família, a mulher dele é paraguaia, então eu vou a Assunção daqui, vou comprar e depois eu mando pra você”. Você imagina: um cara de origem inglesa, um anarquista, que vem para a América Latina fazer a revolução, e escreve sobre os paraguaios, sobre a língua, o significado da língua guarani para os próprios paraguaios, isso também aparece no meu texto como forma de resistência né.

E aí acho que a história oral e a visita ao local, a viagem ao local, me permitiu bastante compreensão do mundo. Claro que teve um limite que é a questão da língua. Eununca aprendi guarani, e também não quis, também não fui atrás, que eu sei que é muito difícil, que é uma coisa que foi questionada na banca. Na banca da dissertação, estava presente o Alcir Lenharo, que era da UNICAMP, e tinha feito uma pesquisa sobre o Mato Grosso do Sul, com vários textos sobre, não, na verdade sobre o Mato Grosso, sobre o Estado Novo e a questão da Marcha para o Oeste. Ele me questionou exatamente isso, qual seria o limite de eu interpretar a cultura do outro sem que eu domine a língua, porque a língua é um universo que só tem significado pra quem consegue compreender, você teria que ser nativo, ou quase nativo, pra poder entender. Mas eu trabalhei com alguns significados linguísticos na dissertação, e especialmente na questão da interpretação das palavras, nomes, dos procedimentos da torrefação da erva.

Fugiu um pouquinho...

PET: Não, mas a ideia é essa. Bem, ainda falando do seu trabalho da dissertação de mestrado: nos domínios da Mate Laranjeira, o trabalho compulsório de indígenas e paraguaios era constante, em uma região de fronteira fluida em que ser brasileiro, paraguaio ou indígena era uma definição pouco clara. É possível estabelecer alguma relação com a fronteira hoje? Há permanências nessa longa história no final do século XIX para o início do século XXI?

Gilmar Arruda: *A questão indígena foi um drama, porque eu até menciono isso na dissertação. Eu pesquisei documentos. É... ficou um buraco na dissertação, que ela não aparece, só aparece nas fotografias. Fiz um trabalho na companhia Mate Laranjeira, ainda existe, e eu cheguei a entrar em contato com a mulher do chamado capitão Heitor Mendes Gonçalves, a dona Cecília, era uma aristocrata, Cecilia Mendes Gonçalves estava viva ainda. Eu não cheguei a entrevistá-la, que ela não quis, mas conversei muito com o filho, o Fernando Mendes Gonçalves que era o diretor da companhia aqui, e eles tinham uma sede na rua 15 de Novembro. Eu trabalhei na organização das fontes, do material da, das fotos, cartas pessoais, mapas, que esse material depois foi doado pro Arquivo Público do Estado, não sei que outro destino teve. E nessas fotos tinha um álbum sobre a Campanário excepcional, dos barcos que a família usava pra vir de Buenos Aires até a região, chiquerrésimo, gente aristocrata mesmo. Só que só tinha uma foto onde eu faço menção disso, do silencio nessa documentação, não existem indígenas. É claro que estavam lá, é claro que eles trabalhavam, na técnica, a mão-de-obra, eu tenho dúvidas sobre a mão de obra, na companhia. Pode assim, diretamente, eu acho que foi uma mão-de-obra muito mais paraguaia, no sentido paraguaio moderno, e não dos grupos indígenas em si, os Kaiowa, mas eu não tenho como afirmar isso. Depois fizeram pesquisa sobre, eu sei que outras. Aí a questão da fronteira, sim as permanências são, estão dadas, porque essa é uma história de longa duração, muito anterior do ponto de vista da presença dos brasileiros, da sociedade nacional na região. Ela data ainda dos primeiros contatos entre os espanhóis e os grupos Kaiowá no vale do rio Paraguai. Tem um dado que eu tive numa banca de doutorado de uma antropóloga, kátia Vieta, se eu não me engano, ela fez uma pesquisa sobre a genealogia das famílias, laços de parentesco sobre os kaiowá na região de Dourados. Tem toda uma primeira parte que é uma recuperação historiográfica. Fui parar nessa banca por causa disso, não entendo nada de antropologia nesse sentido. Só que ela puxou, ela estava falando de uma coisa, que essa região que ela estava estudando, a família, falava de um lugar que chamava-se Laranjaí, ou Naranjaí... Bom, essas pesquisas recentes sobre história ambiental me diz o seguinte: a laranja cítrica, não é americana, ela chega à América por via das mãos dos padres e dos espanhóis, então há registros dos primeiros cítricos no porto, no vale do Prata, em 1600. Então, a palavra que designa a laranja é Naranja, é espanhol. Então os guarani, eles incorporaram isso a ponto de incorporar o sufixo í*

para dizer laranjinha, e não só incorporaram no diálogo, no dia a dia, na língua, como usam pra denominar riachos, que são fundamentais pro seu reconhecimento de identidade. Nós estamos numa história, por exemplo, de 300 anos, longa duração desse contato interétnico para além de muitas fronteiras que só foram criadas muito tempo depois. No momento em que essa palavra, essa planta é incorporada pela cultura guarani-kaiowá, na cultura indígena... não podemos nem falar de Brasil, se considerar que Brasil mesmo é pós 1822. É uma longa duração, teria que usar a linguística, usar os restos arqueológicos para perceber. A fronteira cria outra dinâmica, cria outros personagens de identidades, brasileiros, índios brasileiros, guarani-kaiowá brasileiros, guarani-kaiowá paraguaios. Mas eles continuam mantendo uma cultura que está por cima, ou para além dessas fronteiras, que foram criadas posteriormente. Seria interessante pesquisar nesse sentido. Acho que o pessoal da arqueologia tem feito algo desse tipo, tem trabalhado a estrutura dentro da antropologia. As fronteiras nacionais elas racham esses movimentos porque criam obstáculos físicos, ou imaginários para essa circulação, e na cabeça dos pesquisadores também, que nós passamos a fazer uma história dos índios brasileiros, por causa desse problema de identidade.

PET: Certo. E com relação às fontes, foi bem isso, história oral, você foi no arquivo...

Gilmar Arruda: *Documentos oficiais, os documentos, os contratos, os contratos de arrendamento, levantei todos, que foram publicados inclusive pela FIEMS, todos os contratos, todas as renovações de contrato, a legislação que regulava esses contratos da concessão entre o governo do estado e a companhia, alguns livros de memória, do Pedro Celestino, e depois alguns livros de história; usava um pouco de geografia, mapas, que eu encontrei em Cuiabá, cartas... E depois a questão da literatura, tanto do Hernani Donato, "Selva Trágica", e a literatura do Hélio Cerejo, que é quase um memorialista, bem menos que literato é um memorialista, já falecido. E finalmente a questão da história oral, essa foi fundamental pra ter alguns detalhes que eu não conseguia perceber.*

PET: Você teve alguma dificuldade pra ter acesso a essas fontes oficiais?

Gilmar Arruda: *A dificuldade é que estava tudo espalhado, não havia arquivos, arquivos hoje estão mais ou menos organizados. Esse material da companhia Mate*

Laranjeira foi recolhido ao arquivo do estado. Infelizmente a coleção de depoimentos se perdeu, as fotografias da Mate Laranjeira é algo excepcional, e com outros enfoques, enfoques de gênero, enfoques de circulação, esse material... Então as fontes foram diversificadas porque também não tinha nada organizado. Uma outra coleção que me ajudou foi a de recortes de jornais, a coleção de microfilmes de jornais e periódicos locais que a Biblioteca Nacional promoveu nos anos 80. Os jornais que eram publicados em Campo grande, Cuiabá e tal, eles estavam desaparecendo e a Biblioteca Nacional fez uma programação de microfilmagem e a Fundação de Cultura, na época, comprou uma coleção desses jornais, era o jornal de Cuiabá, vários que eu li em microfilmes.

PET: Bem, agora falando um pouco da sua tese. Na sua tese “Cidades e Sertões: entre a história e a memória” você aborda o tema do sertão e a polarização cidade/sertão a partir do espaço geográfico entre São Paulo e o sul de Mato Grosso. O que motivou você a escolher esse tema? Você já mencionou que teve um pouco dessa relação com a memória familiar, mas qual foi a que mais chamou atenção pra você trabalhar esse tema no doutorado? Ou até mesmo as proximidades e rupturas que teria com o seu trabalho na dissertação.

Gilmar Arruda: *Há uma continuidade: que é a vivencia no Mato Grosso do Sul e a vivencia no interior de São Paulo me colocou uma questão que eu fui pro sertão. Nós viemos para Campo Grande, era como se tivéssemos vindo pro fim do mundo. E nós estamos falando dos anos 80, e hoje não temos essa sensação, mas talvez se coloque pra quem está aqui em Campo Grande e vá para Porto Velho, ou Cacoal, como se estivesse indo pro fim do mundo. E havia sim, havia relatos lá em Tupã, coisas engraçadíssimas: um relato que eu me lembro de ter ouvido de um gerente de banco que foi transferido, acho que foi um gerente do Banco do Brasil, transferido para Campo Grande, ou Três Lagoas, não lembro. Contava-se que a mulher dele, a esposa dele, comprou um monte de papel higiênico pra trazer porque achavam que não ia encontrar em Campo Grande, ou ela tinha medo. Outro relato de que as pessoas tinham medo de ir pra Campo Grande que iam encontrar onça na rua. É claro, a cidade tinha explodido a partir de 77. Com a criação do Estado, Campo Grande virou. Nós chegamos em Campo Grande em 80, tinha 200 e poucos mil habitantes, já tinha crescido uns 50, de 77 á 80, hoje tem o que? 1milhão? Mas o*

impacto, a ideia de ter mudado pro sertão foi..., e a documentação, os livros, todo mundo falava do oeste, do sertão, a “lei do 44”, o tiroteio do fim do ano, era mesmo..., Agora diminuiu, mas era tiroteio mesmo, tinha na passagem do ano, era revolver, pistolas e tudo mais. Isso criou um pouco a ideia, e, em algum momento, a leitura do “Grande Sertão”, do Guimarães Rosa, e aí foi formulando uma ideia. A primeira temática, que eu tive uma bolsa de pesquisa, ainda influenciada pela questão do mestrado, chamava-se o ‘povo do sertão’, que era a ideia de pesquisar as classes populares. Ficou meio genérica, e fiz um monte de levantamento na documentação do Tribunal de Justiça, pra ver quem eram essas pessoas, como é que se enquadravam, aí ia aparecer os ferroviários, os portugueses trabalhadores, os portugueses, espanhóis, libaneses, que trabalharam na construção da ferrovia noroeste do Brasil. Aquela discussão, que aparece na tese sobre Campo Grande, da dança do catira e a repressão, isso saiu das atas da Câmara Municipal, saiu dos processos crime do Fórum. Eu fiz um enorme levantamento, com essa bolsa que eu tive, quando eu fui dono de restaurante, fui dono de restaurante, não tirei o pé da pesquisa. Embora a bolsa era uma quantia ridícula, no governo Sarney, a inflação, era dinheiro que não dava pra pagar o passe do ônibus. Mas a Fundação de Cultura estava do lado, e o Tribunal de Justiça, ficava no prédio ali do lado do córrego. Então, era sair do restaurante ia lá, ler processo, organizei os documentos do Fórum também. É, acho que a questão surge aí com uma questão de identidade pessoal, comecei a ficar incomodado com a ideia de ser do interior, da forma como nos chamavam de sertanejos, aí eu resolvi investigar...

PET: Porque tinha essa ideia negativa, né!?

Gilmar Arruda: *Com a ideia negativa, exato. E aí já entra outra revolução historiográfica, uma mudança historiográfica. A ideia de representação. Aí a leitura já não é mais Thompson, é Chartier. Aí é Chartier, Bourdieu e outros. E é a ideia das representações culturais como forma de organizar a cultura, como é que as pessoas constroem essas representações. E em algum momento surge a questão sobre o espaço, eu fui buscar coisas... estava falando de paisagem, de espaço e o Simon Schama, “Paisagem e Memória”, foi uma leitura que abriu essa ideia de trabalhar o espaço, a paisagem e, o que é um problema, porque era uma questão pessoal, como é que você objetiva isso? Até brincaram comigo: mas você não tá fazendo*

pesquisa científica, você tá fazendo uma biografia. Não, é uma pesquisa. É um dos temas de discussão sobre como a memória pode se tornar, como a memória pessoal, pode se tornar objeto da sua própria análise. Não sei se está resolvido ou não, é uma questão pendente isso. Agora resolveu-se essa questão com a chamada guinada subjetiva? Mas quem me auxiliou nessa reflexão foi o Raymond Williams, de “Campo e Cidade”, que é um personagem intelectual inglês que faz uma análise da sua própria trajetória a partir da cultura de Cambridge. Ele é um filho de ferroviário que viu a transformação da paisagem inglesa, só que ele vai examinar essa transformação a partir do background, background culto, que ele teve ao ingressar em Cambridge. Então ele começa a falar: eu estou vendo a paisagem imbuído de uma cultura clássica, literatura, mas ao mesmo tempo eu vi essa paisagem... E essa é a trajetória da “Cidades e Sertões”, eu começo nos sertões e termino nas pequenas cidades, aonde eu nasci, aonde eu cresci. E quem acompanha essa periodização é a vida do meu pai, que nasceu no sertão, vai transformando em cafeicultura, em pequenas cidades, aonde eu nasço, que é Tupã, e aí ele narra, e eu termino a narrativa com o meu tempo. A conclusão da tese é essa: pequenas cidades, o sertão era aqui. Essa é a tese de doutorado. Meu orientador achou que eu... mas fui pra banca e fui aprovado então, recebi o título de doutor e é, acho que essa tensão, depois – a tese é de 97, já se vão vinte e tantos anos? Eu acho que depois no final do século, começo do século XXI, toda uma discussão sobre a memória, toda uma revisão dessa relação da história e memória, e o observador da memória...Hoje, lógico, eu teria argumentos para a questão da subjetividade, que a subjetividade está sempre presente, que o narrador está sempre presente, e ainda que finja que não está presente, eu resolveria. Não sei se eu resolveria, não sei se dá pra falar isso, mas teria outros argumentos pra defender coisas que eu acho que são intuições? Uma coisa que fui questionado, na banca, é sobre a unidade da tese, então, ela transita entre a memória, os locais, passa por Tupã, passa por Campo Grande, passa pelo interior de São Paulo, passa por discursos científicos, passa pelo discurso da memória, da memória pessoal, da memória da família, analisa fotos, usa depoimentos... E os capítulos, eles vão tomando foco de narrativa. Hoje eu poderia dizer isso, não na época, não quero ser anacrônico, é que hoje eu teria o argumento de dizer que são enfoques de histórias múltiplas, de focos de posição do narrador múltiplos. Então, eu estou em Campo Grande falando de Campo Grande, e eu estou em Tupã falando de Tupã, então são

coisas que ficam, não é uma unidade arbitrária, e eu até faço uma crítica disso: a cafeicultura homogeneizou a história do oeste de São Paulo... Não, é uma narrativa que homogeneizou as histórias múltiplas do oeste de São Paulo a partir do capital, da cafeicultura, do café, né?

PET: Sobre a questão das suas pesquisas mais atuais. Com relação a história ambiental. Como você entrou nesse meio? Tem algo a ver também com essa questão que você trabalhou no doutorado, com o ambiente? Como a história ambiental entra?

Gilmar Arruda: *Toda explicação é uma explicação retrospectiva, portanto, ela é uma espécie de fraude, porque ela é também uma procura de síntese do que a gente fez, no momento contemporâneo, pra ver se, de certa maneira, vamos encontrar pistas que talvez não fossem na época. Mas assim, hoje eu interpreto com uma certa unidade, e até essa fala de hoje a noite [a conferência proferida no Ciclo de Palestras do curso de História da UFMS/CPTL] ela me criou um certo problema porque eu não conseguia encontrar um eixo pra ela, eu fiz vários esboços e nenhum me deixou contente e eu acho que eu não fiquei contente com o que eu vou falar. Mas de qualquer forma, a ideia de se estar ligado de alguma forma à terra, eu sou é descendente de agricultores, não sou agricultor, mas eu gosto da terra, meu irmão é agrônomo, meu irmão é o menino do dedo verde, ele planta qualquer coisa e floresce, essa ligação com a terra, embora não tenha mais nada de camponês, mas tem a ver com o ar livre, com o lado de fora, com como que o homem constrói relações com o seu mundo, come, bebe, vive, então a ideia de natureza está aí. Ela aparece na dissertação muito tenuamente, já na tese, a problemática dos homens quase naturais, quase dissimulados, os índios na tese, já um pouco mais elaborada é o capítulo, a natureza no tempo da técnica, a transformação da natureza, natural em recurso natural, e a partir daí as pesquisas todas estão ligadas a isso. Como que os homens veem os rios, como que as fotografias representam isso, e atualmente tem a ver com barragens, a pesquisa do pós-doutorado, e o projeto atual, que se chama “As estranhas Catedrais” que são as barragens hidroelétricas. Como que os homens constroem verdadeiros artefatos que são monumentos estranhíssimos? E os significados disso, de um ponto de vista até metodológico, teórico, porque o rio é um ecossistema, ele tem uma dinâmica, tem uma fluência, e tal, mas na medida que*

você constrói uma barragem será que nós podemos chamar o rio ainda de um ecossistema ou teria que dar outro nome? Isso tem implicações políticas, por exemplo, só pra terminar, é a legislação florestal de mata ciliar tem uma série de regras sobre as matas ciliares, de rios com 10 mts, com 20, com 50 mts. Essa mesma legislação que foi atualizada com o código florestal de 2010, foi mantida. Isso cria uma ficção: as matas ciliares dos lagos artificiais não são necessariamente matas ciliares, porque os lagos artificiais eles tem elevações dependendo do clima, dependendo da produção de energia elétrica, então a margem, por exemplo, a altitude por exemplo de 340 mts acima do nível do mar, a margem está num x ponto, do lago, com a seca ou com a produção de energia, ela abaixa pra 320 mts do nível do mar. Isso abre um espaço de quase 100 mts sem nada, a mata ciliar obrigatória está lá. Mas a mata ciliar também, ela botanicamente é diferente da mata, então são árvores específicas que só sobrevivem, que só produzem em determinado lugar do rio, que eventualmente são inundados, não é qualquer planta, não é qualquer imbuia, nem jacarandá, que é da mata ciliar. Então, nós criamos uma ficção que, politicamente, para os ambientalistas é ótimo, estamos plantando matinho ali, e as empresas seguem. Só que de fato não tem nenhum sentido falar de mata ciliar na beira de um lago artificial, porque nem é natural nem o lago nem aquele mato que se está plantando ali, pela recuperação, restauração... A efetividade necessária da planta exótica, das mudas exóticas, do ponto de vista das empresas, é só pra não assorear o lago, só que os córregos que nutrem os lagos ficam abandonados e, os agricultores, que é o principal componente de assoreamento dos lagos artificiais, também... Então, como que, a partir de um pseudo ecossistema, de uma ideia de estar numa natureza equilibrada, que é um equívoco do ponto de vista da interpretação, constrói-se um outro ambiente, um ambiente artificial, que usa uma legislação baseada num pressuposto científico que não se sustenta. São consequências políticas dessa opção, uma leitura sobre a natureza. Então as questões políticas são derivadas dos temas de pesquisa que nós tomamos!

PET: Bem professor, obrigada pela entrevista. O professor permite que depois seja publicada?

Gilmar Arruda: *Sim, claro. Não disse nada que não fosse público!*

Gravada em 20 de junho de 2016

Transcrita em agosto de 2016 e revisada em agosto e outubro de 2017